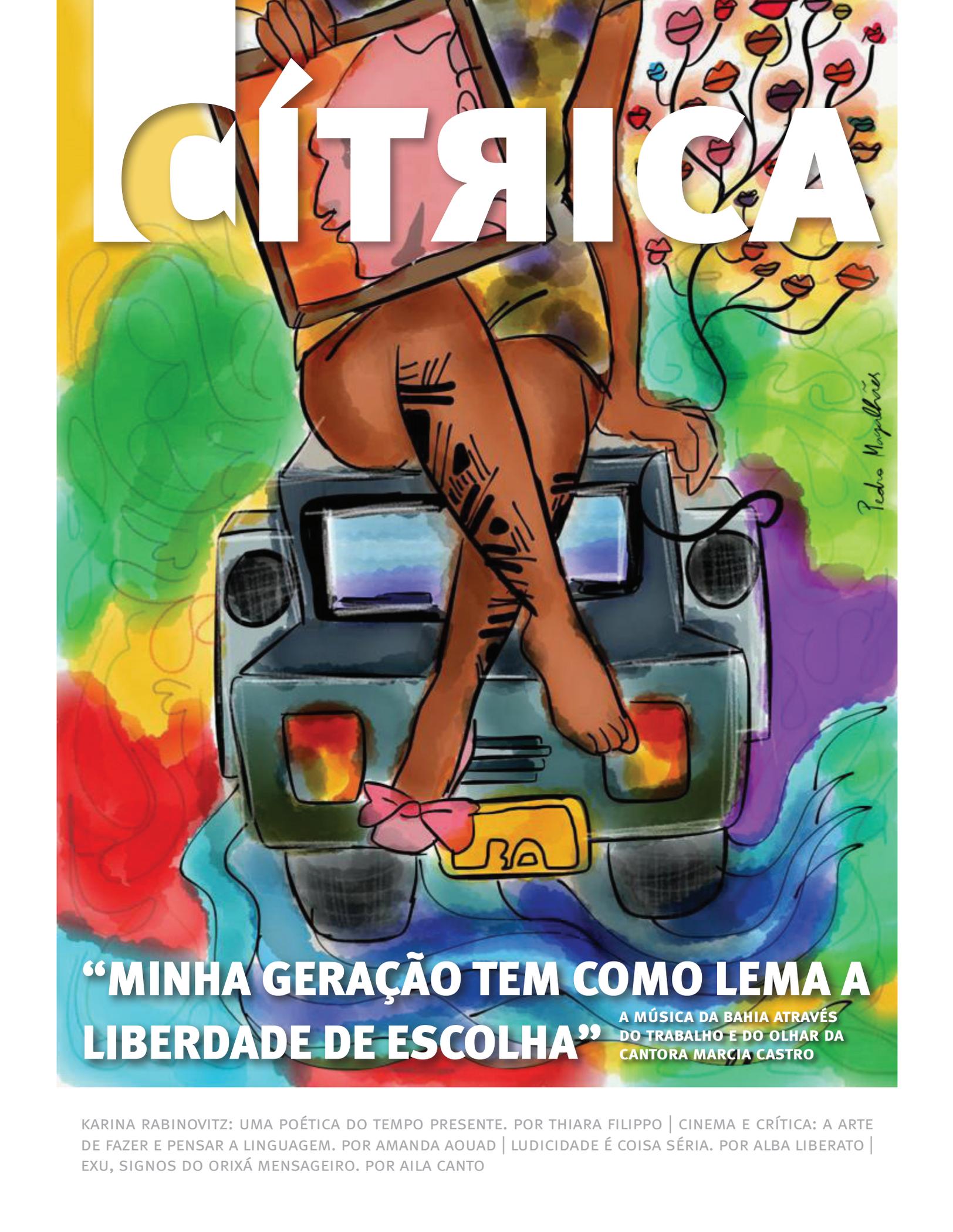


CRÍTICA



“MINHA GERAÇÃO TEM COMO LEMA A LIBERDADE DE ESCOLHA”

A MÚSICA DA BAHIA ATRAVÉS
DO TRABALHO E DO OLHAR DA
CANTORA MÂRCIA CASTRO

KARINA RABINOVITZ: UMA POÉTICA DO TEMPO PRESENTE. POR THIARA FILIPPO | CINEMA E CRÍTICA: A ARTE DE FAZER E PENSAR A LINGUAGEM. POR AMANDA AOUAD | LUDICIDADE É COISA SÉRIA. POR ALBA LIBERATO | EXU, SIGNOS DO ORIXÁ MENSAGEIRO. POR AILA CANTO

EDITORIAL

A segunda edição de uma publicação revela conquistas: vencidos os desafios de uma estreia, estabelecidos os modos de produção, ela chega como resultado de um trabalho que se pretende ver reproduzido de modo autossustentável em todo o estado. Talvez esteja aqui o grande fundamento desta iniciativa – fazer com que novas edições de publicações de crítica não sejam raridade, ampliando o campo de atuação de críticos baianos e divulgando a importância de um ambiente ativo de debate para o desenvolvimento da produção artística do estado.

No Mês da Mulher, aqui estão textos escritos só por mulheres. Não exatamente uma determinação, mas uma evidência positiva da presença da mulher da Bahia no setor cultural. É também sobre uma mulher baiana o destaque: a entrevista com Marcia Castro fala não apenas da carreira da cantora, mas também discute a cena musical do estado.

Para a capa, convidamos o ilustrador Pedro Magalhães. Entre as autoras, está Amanda Aouad, que enviou seu texto através da convocação que o Cítrica mantém para a integração de novos participantes. Uma prática já constante: este espaço quer ser ocupado, quer ser visível, quer sua participação. As portas estão abertas. Boa leitura!

EXPEDIENTE

Editores-chefe: Paula Berbert

Conselho Editorial: Aila Canto, Alexandre Molina, Cadu Oliveira, Paula Berbert

Editores Executivos: Rosalba Lopes

Críticos: Aila Canto, Alba Liberato, Amanda Aouad, Carol Vidal, Thiara Filippo

Revisão: Cadu Oliveira, Carol Vidal, Paula Berbert

Projeto gráfico e diagramação: Edileno Capistrano Filho

Capa: Pedro Magalhães

Fotos não creditadas: divulgação

Impressão e acabamento: Empresa Gráfica da Bahia

Tiragem: 6 mil exemplares

Cítrica é um periódico realizado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia em colaboração com os participantes da Oficina de Qualificação em Crítica, e integra o Programa de Incentivo à Crítica de Artes promovido pela instituição. É permitida a reprodução integral ou parcial dos textos publicados desde que sejam citadas as fontes. A escolha das pautas e as opiniões expressas nos textos são de responsabilidade dos seus respectivos autores.

PROGRAMA DE INCENTIVO À
**CRÍTICA
DE ARTES**



Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB
Diretoria das Artes - DIRART

Programa de Incentivo à Crítica de Artes:

www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica

www.fundacaocultural.ba.gov.br/criticadeartes

Contato, sugestões e críticas:

Telefone: (71) 3324-8505

Cítrica: citrica.artes@funceb.ba.gov.br

Programa de Incentivo à Crítica de Artes:

critica.cultural@funceb.ba.gov.br

Fundação Cultural do Estado da Bahia – Rua Guedes de Brito, 14 – Pelourinho – CEP. 40.020-260 – Salvador/Bahia

CRÍTICOS DESTA EDIÇÃO



Aila Canto é formada em Museologia pela UFBA e trabalha na área de pesquisa acadêmica em Ex-Votos, Arte Contemporânea e Crítica de Arte. Mantém o primeiro coletivo de museologia do Brasil, o Maria Vernissage, e produz em seu blog textos críticos sobre arte e suas relações museais.



Alba Liberato é autora dos livros de poemas *Retrato em Si* e *Mão Cheia* e produz roteiros para filmes de animação, como os longas *Boi Aruá* e *Ritos de Passagem*. Pesquisa cultura popular brasileira.



Amanda Aouad é mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA, especialista em Cinema pela UCSal, roteirista e crítica do site *CinePipocaCult*.



Carol Vidal é jornalista formada pela PUC-Rio, com experiência em redação online. Carioca de nascimento e baiana de coração, apaixonada pela diversidade artística que o Brasil tem a oferecer.



Thiara Filippo é mestre em Letras (UFMG) e especialista em Educação a Distância (SENAC/BA). Atua como professora em cursos de pós-graduação e de formação de professores, e como revisora de textos.

COLABORADOR



Pedro Magalhães é desenhista e professor. Formado em Letras pela UFBA, ensina português na Argentina e atualiza diariamente o seu inventário artístico nas redes sociais. *Pendurado no Firmamento* é a sua página no Facebook.

LITERATURA

Em tempos de identidades simuladas e de amores líquidos, o que a poesia tem a oferecer?

KARINA RABINOVITZ: UMA POÉTICA DO TEMPO PRESENTE

POR THIARA FILIPPO

Eu poderia começar dizendo que a palavra poética tem poder. Que se não for capaz de transformar o mundo, arrisca-se, ao menos, a torná-lo... mais poético. Ou poderia reafirmar a crença no caráter sagrado da palavra. Mas, por ora, vou me contentar em desvendar um pouco da poética do mais recente livro de Karina Rabinovitz, *O LIVRO de água*.

A obra, realizada em parceria com a artista plástica Silvana Rezende, surpreende pelo projeto gráfico, no qual tudo parece ter sido delicadamente planejado para exercer fascínio: chama a atenção pela beleza das imagens, pela multiplicidade de cores, por sua textura e por seu formato. Aliás, a intenção de agradar, de trazer o público para participar dos seus mundos poéticos, de “fazer a poesia circular” é um traço recursivo de outros trabalhos que realizaram juntas, como as intervenções urbanas.

Mais do que um desejo de comunicar-se, é possível perceber uma necessidade de criar espaços de comunicabilidade no mundo contemporâneo, no qual as subjetividades, algumas vezes, parecem ser atropeladas pelo fluxo contínuo e ininterrupto das redes de fibra ótica, internet, Facebook. É uma poética do tempo presente. Por quê?

Porque com versos rápidos, curtos, cortantes, Karina fala sobre nosso tempo. Oferece-nos um diagnóstico das implicações culturais do desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e de comunicação, com pessoas em movimento, conexões, redes. Exemplos? “Nenhuma solidão resiste/ celular, Facebook, Skype, televisão/ tanta solidão reside”. Ou ainda: “traumas/ problemas no córtex pré frontal/ não aparecem no raio x dos perfis/ dos meus mais de novecentos/ amigos de Facebook”. Esse mundo em que se tem que manter a aparência e impres-

sionar é enfrentado pelo viés crítico da autora. Trata-se de uma crítica direta, contumaz: toda a parafernália tecnológica vira um objeto capaz de deflagrar tanto o encontro quanto o desencontro entre as pessoas.

Viver nesse mundo contemporâneo, pelas lentes da autora, é benção e maldição, praga e encantamento. É como nos ensina Bauman: “o outro lado da moeda da proximidade virtual é a distância virtual”. Desmascarar a fragilidade desses laços é tarefa a que se propõe Karina. Para ela, a poesia é a arma com a qual busca “interferir no cotidiano” e “convidar ao sonho”. É o meio pelo qual procura fazer o ser humano se confrontar com seus próprios fantasmas, com seus enganos, e denunciar o caráter supérfluo e a futilidade de um momento em que se imputa à mulher “limp[ar] o tempo do seu rosto com botox”.

Imersa nas condições particulares do nosso tempo, Karina oferece um julgamento sobre nós mesmos. Propondo vínculos onde se nota o esfacelamento. Erguendo pontes nesse campo de batalhas que são as nossas cidades contemporâneas. No entanto, o mundo das comunidades virtuais, das identidades simuladas, o meio oceânico do ciberespaço são apenas uma das bases que sustentam a poética contemporânea de Karina Rabinovitz. Também há em Karina muita expressividade lírica e uma admirável diversidade de imagens, tons, temas, que vale a pena conferir com os próprios olhos. Folhear as páginas d’*O LIVRO de água* é encontrar, a cada leitura, uma renovada experiência.



O projeto de *O LIVRO de água* foi selecionado pelo edital de Apoio à Criação Literária da Fundação Pedro Calmon. O livro está à venda na Livraria do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA).

Karina Rabinovitz edita o blog *[coleção de] sussurros*:
www.karinarabinovitz.blogspot.com



MÚSICA

Marcia Castro alça voo... sem tirar os pés do chão!

EM ENTREVISTA, A CANTORA FALA SOBRE SEU TRABALHO E O PANORAMA DA MÚSICA BAIANA ATUAL

POR CAROL VIDAL

A cantora baiana Marcia Castro iniciou a carreira aos 16 anos, ainda em Salvador, mas seu “lançamento oficial” veio apenas em 2007, com o primeiro CD, *Pecadinho*. Morando em São Paulo desde 2008, a artista vem conquistando seu espaço, dentro e fora da Bahia, com originalidade, marca registrada de seu trabalho. Com o lançamento do segundo CD, *De Pés no Chão*, Marcia vem firmando ainda mais seu nome no solo da novíssima música brasileira. Há ainda o *Pipoca Moderna*, projeto que reúne, no palco, novos e consagrados artistas e que, neste ano, fez parte do calendário do verão baiano. Na entrevista a seguir, Marcia fala da própria carreira e do panorama atual da música baiana.

CÍTRICA - Qual sua visão do atual cenário musical baiano?

Marcia Castro - Vejo um cenário muito rico, com o surgimento e crescimento de grupos de vários estilos, com trabalhos muito consistentes. E vejo o amadurecimento das produções musicais, recolocando a Bahia como um estado que produz boas novidades para a música brasileira, como, por exemplo, a Orkestra Rumpilezz. Estamos num momento promissor, tanto musical quanto estético.

CÍTRICA - O que você pensa a respeito da atual produção da axé music?

MC - Musicalmente, sinto que o axé entrou num desgaste natural, afinal são muitos anos produzindo uma música que não amadureceu na mesma proporção em que cresceu comercialmente. Ao contrário, entrou na lógica da mercantilização da matéria musical. E considero que esse é um mo-

mento maravilhoso, pois na crise que serão apontados novos caminhos, novos ares. A Bahia precisa disso, nós precisamos disso.

CÍTRICA - Seu trabalho pode ser considerado também de axé music?

MC - Meu trabalho não entra na categoria do axé. Meu flerte com o axé é de admiração de uma foliã de carnaval. Minha música tem a Bahia. O axé é apenas um pedaço dessa Bahia.

CÍTRICA - O que pensa a respeito da hegemonia do pagode baiano e da axé music na programação artística dos meios de comunicação baianos?

MC - É a lógica capitalista, que vai privilegiar as manifestações de massa, pois são mais rentáveis. A lógica do capital vale para tudo, inclusive para a arte. Temos que criar brechas nessas estruturas para também dar a nossa contribuição para o mundo.



CÍTRICA - Como você avalia a inserção do Pipoca Moderna no cenário cultural baiano?

MC - O *Pipoca* chegou de um modo quase ingênuo, não tínhamos ideia da dimensão que ele ganharia dentro da programação do verão baiano, que sempre esteve restrita aos ensaios de grupos de axé e pagode. Tivemos como resultado duas noites lotadas, esgotadas, com um público sedento por “música brasileira para dançar”. Isso vai além do projeto *Pipoca Moderna*, é também um termômetro de como anda o nosso público, as suas motivações. Escutei de muita gente o seguinte: o *Pipoca Moderna* é necessário. Penso que, na verdade, eles queriam dizer que a diversidade é necessária. Me sinto feliz por ter contribuído um

pouco para isso. Pretendo continuar o projeto, promovendo o diálogo entre os novos artistas e aqueles já consagrados, levando esse processo para o público, mostrando que a dança pode vir de muitos estilos musicais, pois ela está na essência da música brasileira. Esse é o meu objetivo.



CÍTRICA - E como você avalia a recepção do seu trabalho fora da Bahia? O que tem chegado aos ouvidos dos paulistas, por exemplo?

MC - A nova música baiana aos poucos começa a despertar a curiosidade das pessoas do Sudeste, principalmente de São Paulo. Como estou em São Paulo há praticamente cinco anos, começo a ter uma resposta de

público, principalmente, muito especial. O trabalho ganhou uma dimensão bacana, por conta de todos esses anos, pela interlocução constante com a Bahia, pela luta diária que também promove um grande amadurecimento musical. Posso dizer que a recepção do meu trabalho fora da Bahia tem sido maravilhosa.

CÍTRICA - Que elementos do Tropicalismo você incorpora em seu trabalho? Quais as referências tropicalistas mais evidentes?

MC - As misturas. A miscigenação musical. A música brasileira em si. Os riscos que assumo. Tudo isso é muito tropicalista.

CÍTRICA - Em seus CDs há músicas de artistas bastante conhecidos do público, como Tom Zé, Zeca Baleiro e Rita Lee. Além disso, há a regravação de Preta Pretinha, famosa com os Novos Baianos. Mas, ao mesmo tempo, há gravações de artistas contemporâneos. Como equilibrar novidade e tradição?

MC - Não existe forma. É *feeling*, é o que lhe toca, é a força da música. Os filtros são muito inconscientes. Lá na última etapa, você avalia um pouco essas escolhas. Minha geração tem como lema essa liberdade de escolha, esse comprometimento antes de tudo com a nossa arte. Isso é muito bom.

CÍTRICA - E como é a sua relação com esses artistas contemporâneos? Quais você destacaria?

MC - São pessoas muito queridas, algumas mais próximas, outras mais distantes, embora preservemos admiração e respeito. Gosto muito do trabalho de Céu, Criolo, Otto, Gui Amabis... É difícil destacar, pois parece que você está deixando coisas de

fora. O importante é que sinto essa geração como um corpo uno. Um movimento muito importante pra música brasileira. Teremos dimensão desse momento mais adiante.

CÍTRICA - O que você pensa a respeito de novos cantores revelados por programas televisivos como *The Voice Brasil* e *Ídolos*?

MC - Acho que são caminhos perigosos, pois a força do “sobrenome” *The Voice* e *Ídolos* é muito violenta. As pessoas lhe colocam nessa berlinda por toda uma vida. É como se isso lhe destituísse de tudo que foi feito antes do programa. É restritivo, gera preconceitos inevitáveis. Particularmente, acho uma furada para quem quer realmente desenvolver uma carreira. O artista não pode deixar na mão de outrem a valoração do seu trabalho, a afirmação da sua música. Isso só pertence a ele.

CÍTRICA - Na sua opinião, qual o papel do crítico para o trabalho do artista? Como é a sua relação com a crítica?

MC - Acho importante quando o trabalho do crítico é consistente, quando leva questões para o artista também. Mas hoje vemos muito mais o juízo de gosto do que efetivamente uma crítica. Minha relação com a crítica é boa, mas pode não ser também. Tento não pautar meu trabalho a partir de críticas, ainda mais num tempo onde “críticas” são superfícies muito rasas. Meu termômetro é meu mergulho, minha doação, minha entrega. Quando isso vai bem, não me importa mesmo a crítica.

Leia, no blog, a crítica do CD
De Pés no Chão:
www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica



AUDIOVISUAL

Sem crítica, não há cinema forte

O ESTIMULO AO PENSAMENTO CRÍTICO E À DISCUSSÃO CINEMATOGRAFICA É O CAMINHO PARA UM BOM CINEMA

POR AMANDA AOUAD

Há uma falsa ideia de que artistas e críticos devem ser inimigos. Porém, a verdade é que existe um preconceito em relação à função da crítica, como se esta fosse uma pedra no caminho do cineasta, feita apenas para apontar equívocos, o que é uma bobagem. Uma boa crítica é construtiva, apontando caminhos, possibilidades, interpretações, ajudando o próprio artista a pensar sua arte e despertando no público um novo olhar.

Sempre foi assim. Não se sabe ao certo quem puxou quem, mas crítica e cinema sempre andaram juntos, vide o exemplo da Nouvelle Vague. Não por acaso, o ciclo baiano de cinema aconteceu na década de 1960, incentivado pelo cineclubes criado por Walter da Silveira, que já escrevia em diversos periódicos do estado, sempre buscando um olhar crítico sobre o cinema local e mundial. Walter deu uma luz aos jovens que começavam a se arriscar em seus filmes. Viu nascer *Redenção*, nosso primeiro longa-metragem, criticado por ter Salvador apenas como pano de fundo. Viu *Bahia de Todos os Santos*, que esperava com entusiasmo, e o destruiu em um texto histórico sobre o que ele considerava o “não-cinema”.

Foi-se o tempo áureo para a Bahia, mas não podemos viver de passado. Hoje, temos também um contexto diverso e interessante. Escolas de cinema começam a formar turmas de cineastas afoitos por criar, conectados com as linguagens mundiais atuais e buscando um cinema próprio. Temos grupos como o Coletivo Urgente de Audiovisual (Cual), que busca fazer cinema independente. E temos toda uma nova geração de cineastas que tem vencido festivais pelo Brasil e pelo mundo, como César Fernando de Oliveira (*Dez Centavos*), Marcelo Matos e Wallace Nogueira (*Menino do Cinco*) e Rodrigo Luna (*Arremate*), só para citar alguns.

Para ajudar essa leva de novos cineastas, nada melhor do que um fomento a novos críticos, novos olhares e novas perspectivas de discussão franca e de busca por um cinema mais coeso e forte, como temos visto em nosso vizinho Recife. Sem esquecer nomes de referência que ainda estão por aí dando sua contribuição de peso, como André Setaro, Adalberto Meireles ou João Sampaio, novos críticos

surgem todos os dias, principalmente na vastidão da internet, buscando o seu espaço. E é preciso observar que, diante de um celeiro tão fértil e democrático, temos nomes que começam a despontar e criar um novo pensamento crítico para o estado.

Para que não pensem que advogo apenas em causa própria, aponto o grupo criado pelo Coisa de Cinema a partir de um dos cursos de João Sampaio. Ou o grupo de cinema do Facebook, construído a partir do curso de Pablo Villaça. São jovens que também estudaram cinema e buscaram o caminho da análise, da desconstrução da linguagem para compreensão de novos caminhos a serem apontados e que são tão importantes quanto aqueles que se arriscam com uma câmera na mão.

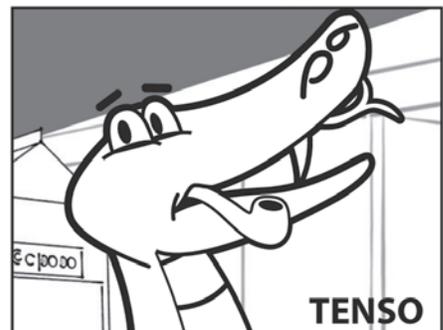
O cinema é isso. É a arte de fazer e pensar a linguagem, o nosso mundo, a nossa aldeia. Mas, acima de tudo, é uma forma de expressão e comunicação. É preciso atingir o público, criar um diálogo com ele, e, para isso, o crítico pode ser um ótimo intermediário, tal qual Walter da Silveira e tantos outros foram em tempos passados. Um cinema de todos e para todos não é um sonho assim tão distante. É só criar os vínculos e deixar a arte falar.

Amanda Aouad escreve no www.cinepipocacult.com.br



TIRINHA

Thomas, o Rato de Cinema por Amanda Aouad e Ari Cabral



www.cinepipocacult.com.br

ARTES VISUAIS + CULTURA POPULAR

Brinquedos que Moram nos Sonhos

UMA REALIDADE COMPLETAMENTE
INVADIDA PELA FANTASIA

POR ALBA LIBERATO

Brinquedos que moram nos sonhos, conceito que brota cristalino na exposição de artistas populares cujo **encantamento secreto não se pode encontrar nos brinquedos made in China**. Crianças e adultos desde a entrada são recebidos por rodas gigantes em que bichos e homens se irmanam no espírito da infância que permanece em nós.

Problemas com divulgação não impedem salas cheias desde que a exposição foi aberta no Museu de Arte da Bahia. Acervo particular com curadoria do próprio colecionador David Glat e da diretora Sylvia Athayde, que teve a brilhante iniciativa de convidar dois artistas para fazer a montagem das peças: Joãozito, na concepção, e Antonio Miranda, na execução. A mostra recebeu aqui mais destaque que no Ibirapuera, onde teve milhares de visitantes.

A Sala dos Sonhos abre com Zezinho, que, pelo tratamento inventivo com que miscigena o reino animal, em interessantíssimo hibridismo onírico, anula a sempre renovada discussão das fronteiras entre o artesanato e a arte. Com Zé Gomes e seus autoretratos esculpidos nos bonecos de madeira, a realidade se faz presente na mecânica aplicada às peças, em que o humor se destaca. Com Mestre Lindalva, Maurício Gomes e Nilson, estabelecem-se cânones que irradiam de Pernambuco, Alagoas e Paraíba o notório saber da arte de fazer brinquedos, tal o domínio técnico e inventivo. Maurício Gomes cria uma metalinguagem em que bonecos apresentam mamulengos representados para bonecos, e outras cenas como o desconcertante Jardim Humanológico.

A Sala do Medo já não encontra quem se apavore com o Velho do Saco, com o Papa-figo comedor de fígado, com Zoião e Zoiona, perseguidores implacáveis dos meninos desobedientes, mas traz o clima onde todos aqueles bonequeiros, oriundos da roça, viveram a meninice.

O apoio oficial que estados como Pernambuco e Paraíba criaram para seus artistas se reflete na pujança de sua presença na mostra. São homens e mulheres que largaram ativi-



dades tradicionais no campo ou, desempregados, se tornaram autodidatas e vêm se projetando com excepcional criatividade. Surpreende a presença tímida da Bahia, onde não existe ainda a valorização do segmento, com destaque para D. Edna Batista, em Salvador, Marilene Brito, em Feira, e Seu Diva, do Capão.

Afinal, qual a importância das políticas públicas que beneficiam a arte de fazer brinquedos? Nossas crianças têm hoje a fartura de brinquedos padronizados lançados na teia com que se ligam os subprodutos do entretenimento global, em campanhas que desdobram o lucro na banalidade que em nada contribui para a experimentação que anima o espírito infantil. Daí a importância de se preservar fazeres que provocam a brincadeira como fator lúdico estruturante no relacionamento consigo mesmo e com o outro.

Ampliar o campo da fantasia das pobres crianças ricas que habitam as metrópoles também é um resultado desta exposição. É só olhar em torno e escutar um pouco os comentários feitos por quem possui prateleiras de brinquedos de plástico fechados em sua própria função de manter o consumo ativo, enquanto as mães estão entretidas com fotos posadas contra as belas instalações.

Uma velhinha, à saída, pergunta a David Glat onde ele guarda todos estes brinquedos, num tom de leve censura a alguém tão egoísta. E ele responde ironicamente: “debaixo de minha cama, minha senhora”. Saímos torcendo para que os brinquedos saiam debaixo da cama deste gigante malcriado para o Museu do Brinquedo Popular, cujo conteúdo já nos seduziu de antemão, beliscando nossa liberdade de sonhar com o poder da alegria proporcionada por esses conterrâneos de todos os rincões do Brasil.

Em exposição até 5 de maio no Museu de Arte da Bahia (Corredor da Vitória).



ARTES VISUAIS

A exuzíaca comunicação

UMA EXPOSIÇÃO QUE ESTIMULA AS RELEITURAS SOBRE EXU E ABRE DISCUSSÃO SOBRE O MAIS PLURAL DOS ORIXÁS

POR AILA CANTO

O meio é a mensagem. A frase de McLuhan, tão propagada dentro das teorias comunicacionais, não poderia fazer mais sentido quanto na exposição *Exu: Outras Faces*, em exibição no Museu Afro Brasileiro. Cada “face” exibida traz uma mensagem peculiar que nos faz perceber o porquê desta divindade ser muito mais do que o senso comum costuma captar.

A própria condição de polixistência, inerente a Exu, abre a porta para discussões sobre suas manifestações. Este ar dialógico é o caminho para a apreciação das peças expostas, com uma museografia que obriga a conexão cognitiva. Uma porta de fitas nos estimula sinesteticamente e, de repente, nos deparamos com nossa imagem em um espelho. Com a velocidade dependente do quanto temos de Narciso,

é possível a leitura da variedade de palavras pelas quais nomeia-se a divindade.

Deste ponto é que começa a dinâmica cultural para quem conhece pouco sobre o Candomblé. De peças artísticas a escritas, a presença de Exu se torna consciente e constante. Em atitudes tão comuns como a leitura de um jornal, acesso aos e-mails ou assistir programas de televisão, é significativa a percepção do quanto este orixá faz parte do cotidiano.

Um destaque especial para a peça da artista plástica Alessandra Igbó, que conectou arte e tecnologia com requinte semiótico: páginas de classificados, uma roda de bicicleta e lâmpadas são os elementos principais da composição. Atente para os significados: páginas de jornal com anúncios e propagandas, uma roda que nos leva



ao movimento e lâmpadas que iluminam, sejam caminhos ou ideias.

Mas senti falta de algo. Depois de se descortinar um diálogo incrível com o conjunto pessoal de significados e a divindade, relativo ao conhecimento infra e supra-humano na cultura afrobrasileira, me vejo com pequenos punhados. Infelizmente acaba ao começar. Uma exposição que merecia maior espaço, maior divulgação, muito mais faces.

Em exposição até 7 de abril no Museu Afro Brasileiro (MAFRO). Largo do Terreiro de Jesus, s/n, Centro Histórico.



PARTICIPE DO CÍTRICA!



Envie seu texto crítico sobre a linguagem artística de seu interesse e ele poderá ser publicado em nosso blog ou nas edições impressas. Charcionistas, quadrinistas, cartunistas e ilustradores também podem enviar imagens explorando temas relacionados à crítica de artes. Consulte as orientações em www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica, na seção Participe do Cítrica, e envie o seu material.

Veja no blog! + Resenhas críticas, ensaios, fotografias, vídeos.

www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica